

# BETAR & ARTES LETRAS



## Festas de Lisboa

Fado, arrais e festivais para todos os gostos!  
Viva o mês de junho

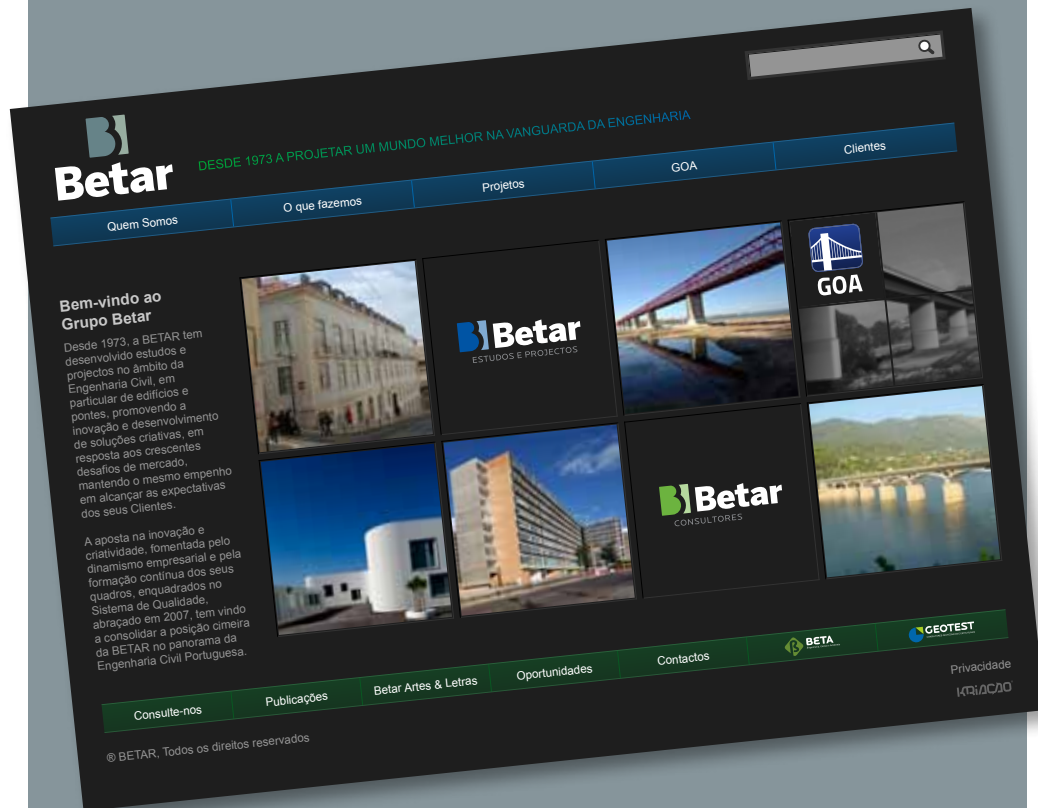


**B**  
**Betar**

**ENTREVISTA**  
**ARO. JORGE**  
**SILVA**

*Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.*

# A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



[www.betar.pt](http://www.betar.pt)

## FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR  
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça  
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça  
REDATORA: Cátia Teixeira  
DESIGN: Jonas Reker  
CONTACTO: [arteseletras@betar.pt](mailto:arteseletras@betar.pt)



Junho é o mês de Lisboa, por isso, a Artes&Letras dedica duas páginas às festas da cidade. Do fado aos arraiais populares, passando por festivais de cinema, teatro, música e artes, as sugestões da organização são imensas e de qualidade.

Mas este mês não se resume às festas de Lisboa. À margem desses eventos, há ainda mais peças de teatro, mais estreias de cinema, mais concertos e mais exposições.

De resto, não esqueçamos que Junho é também mês de festivais de verão. O Super Bock Super Rock regressa em grande ao Meço, bem como o Sumol Summer Fest à Ericeira. Dois festivais de renome que prometem manter os níveis de sucesso das edições anteriores. Para além dos festivais, o tão ansiado concerto de Madonna chega finalmente a Coimbra, para gaudio dos fãs.

Este mês, pode também assistir ao Ciclo Nino Rota, no CCB, onde vão rodar os filmes que foram sonorizados com músicas do compositor italiano, e nas salas de cinema pode ver os dois filmes que a Artes&Letras sugere: “O Monte dos Vendavais” e “Procurem Abrigo”.

As peças de teatro e exposições que apresentamos são igualmente de grande qualidade. Nikias Skapinakis e Irene Buarque são os destaques das artes e “A íntima farsa” e “O sonho da razão” são as peças que sobem aos palcos dos teatros São Luiz e Cornucópia.

Quanto à entrevista, desta vez damos a conhecer a história e carreira do arquiteto Jorge Silva e do atelier Oficina de Arquitetura.

MARIA DO CARMO VIEIRA

# FESTAS DE LISBOA

Durante o mês de Junho, à semelhança dos anos anteriores, a cidade de Lisboa veste-se de festa. Em cada recanto há arraiais animados, o fado faz-se ouvir por toda a parte e as marchas, que comemoram 80 anos, enchem de cor os bairros e avenidas.

Este ano, para além das exposições, mostras de cinema e artesanato, é possível contar com festivais de Surf e Tango, uma regata, uma maratona fotográfica, um evento comemorativo do dia 10 de Junho com um concerto de Sérgio Godinho, e um concerto de Milton Nascimento, para celebrar o ano Portugal-Brasil, no dia de encerramento. Há também um novo conceito de representação, designado Teatro Rápido, que apresenta peças de 15 minutos com versões diferentes do mesmo tema. Quem também não pode faltar é a sardinha! A imagem de marca das festas da capital, para além de se fazer sentir cheirosa nos braseiros, apresenta-se pintada a rigor no concurso que este ano mereceu candidaturas de 16 países.

E como este é um evento central no panorama cultural da cidade de Lisboa, a organização decidiu dedica-lo à memória do pianista Bernardo Sasseti, falecido no passado mês de Maio.



## FESTA DO FADO

Noites de fado no Castelo  
Dias 8, 9, 15, 16, 22 e 23 no Castelo de São Jorge

Fados no Chapitô  
Dias 5, 12, 19 e 26

Fados na Fábrica Braço de Prata  
Dias 2, 9, 16 e 23

Fado em concerto: Yolanda Soares  
Dia 9 no Cinema São Jorge

Fado nos elétricos  
De 5 a 10 nos elétricos 12 e 28

Sábado, meia noite, uma guitarra  
Dias 2, 9, 16 e 23 no Largo do Chafariz de Dentro

Grande noite de fados  
Dia 30 nas Escadinhas do Bairro América,  
Santa Engrácia

Porque Junho é o mês da capital, as Festas de Lisboa merecem destaques nesta edição da Artes&Letras. Há fado, arraiais e festivais para todos os gostos. Espreite o programa



## FESTIVAIS

Lusitango: Festival Internacional de Tango  
Até dia 4 na Voz do Operário

Meo Out Jazz  
Dias 1, 3, 8, 10, 15, 17, 22, 24 e 29 em jardins,  
anfiteatros, estações de comboio, largos e  
miradouros

Lisboa: A cidade do cinema  
De 1 a 17 no Espaço Nimas

Surf at Lisbon film fest  
De 14 a 16 no Cinema São Jorge

Ludopolis: festival de jogos e diversão  
Dia 14 a 17 no Jardim Tropical

Maratona fotográfica  
Dia 16 na FNAC do Chiado

Com'Paço: V festival de bandas  
Dia 23 no Rossio, Jardins  
de São Pedro de Alcântara e Estrela

Cine Conchas  
De 28 a 30 na Quinta das Conchas

Festival Silêncio  
Dias 29 e 30 no Cinema São Jorge e Music Box

Art'a\_bordo  
De 12 a 17 no comboio da linha de Cascais

Jazz às 11  
De 26 a 30 em vários ascensores

Omnibis  
De 26 a 30 em vários autocarros

Teatro a metro  
De 19 a 24 em várias estações de metro

Teatro rápido  
De 1 a 30 na Rua Garrett  
e na Rua Serpa Pinto

Teatro das Compras  
Dias 15, 16, 22, 23, 29 e 30  
em várias lojas da Baixa



## ARRAIAS POPULARES

De 1 a 30 em:

Alcântara, Campo Grande, Campolide,  
Carnide, Marvila, Pena, Prazeres, Santa  
Catarina, Santos-o-velho, São Miguel, São  
Vicente de Fora, Socorro, Santa Engrácia,  
Santa Maria de Belém, Santa Maria dos  
Olivais, São Paulo, Terreiro do Paço e  
Graça

*‘Atribuo à arquitetura a função de intervenção social e responsabilidade pública, não é um ato só entre arquiteto e proprietário, tem de dar resposta à cidade’*

Palavras do arq. **Jorge Silva**.  
Por Cátia Teixeira



Centro Cultural de Cascais



Cortes Reais, Angra do Heroísmo

**Como foi criar um atelier de arquitetura na época instável que sucedeu ao 25 de Abril?**

O atelier foi criado numa altura em que tive a consciência de que muito havia a fazer no campo da arquitetura e do urbanismo em Portugal. A minha experiência nos Gabinetes de Apoio Técnico, que colocavam os arquitetos no interior do país, deu-me noção dos grandes problemas que existiam. Portanto, o atelier foi criado muito à medida daquilo que sabíamos que eram as necessidades reais, desde o planeamento, ao urbanismo, à comunicação... Conhecendo muito bem esses problemas sociais e culturais, o processo urbano pouco desenvolvido e as construções clandestinas, quando começámos a trabalhar fomos atraídos para tentar resolver problemas de crescimento urbano e isso motivou-nos e levou-nos a estudar e a desenvolver metodologias para saber qual a melhor forma de intervir. Desde a criação do atelier que temos vindo a trabalhar nessa área e especializámo-nos. Esse tornou-se o nosso maior contributo para a arquitetura e para o país.



**Com que recursos é que a Oficina de Arquitetura desenvolvia projetos em 1980, quando foi criada? E quais os avanços tecnológicos que mais contribuíram para o desenvolvimento do atelier?**

Nessa altura, para montar o atelier, éramos quatro sócios e mais um ou dois arquitetos, e precisámos de cadeiras e estiradores, réguas e esquadros, candeeiros e papel vegetal, depois máquinas de desenho e uma máquina de fazer cópias heliográficas. Com isso fazia-se arquitetura.

**Hoje não se faz arquitetura sem um computador...**

Se for preciso faz-se, enquanto houver pessoas que, como eu, têm essa experiência. Mas os arquitetos de hoje têm uma forma de trabalhar completamente diferente, não digo que seja melhor ou pior mas, para mim, a arquitetura faz-se com papel e lápis. Sou capaz de pegar num qualquer desenho e saber em que escala está e quem trabalha só com computador não é capaz porque perde a noção de dimensão. Outra diferença é a forma de

reprodução dos desenhos. Na altura utilizávamos o papel vegetal, que era um documento único porque as fotocópias eram quase um luxo. Depois há a questão da transmissão da informação. Hoje temos o e-mail e quando o atelier foi criado ainda nem sequer havia fax, tínhamos de enviar os desenhos por carta. Tudo isto se traduziu noutra forma de trabalhar, como em qualquer profissão.

**Como é que define o atelier e a sua forma de pensar e fazer arquitetura?**

Eu sempre atribuí à arquitetura a função de intervenção social. Considero que tem uma responsabilidade pública porque não é um ato que se resolva só entre o arquiteto e o proprietário. Tem de dar uma resposta à cidade. A arquitetura não são os projetos de exceção, é com os que não se destacam tanto que se resolvem os detalhes entre o espaço público e o privado. E a nossa linha tem muito a ver com este interesse público da arquitetura, o de formar cidade de qualidade. Uma arquitetura de princípios, calma, não de excessos e de evidências.

**O arq. Jorge Silva teve vários cargos “políticos” ligados à arquitetura. É importante ter uma participação ativa do lado das decisões?**

É muito importante, e acho que os arquitetos, durante muito tempo, se demitiram de ter uma função social, tanto enquanto políticos ou gestores autárquicos, como nas entidades capazes de influenciar as políticas que têm a ver com a arquitetura. Em Portugal, nunca foi definida claramente uma política de arquitetura e os arquitetos sempre se abstiveram um pouco de participar nessa questão. Deixaram-se acantonar na procura da expressão da sua obra de arte, o que é legítimo, mas muitas vezes não cuidando de a enquadrar numa resposta global à vida da cidade. Eu tentei influenciar, do ponto de vista dos princípios que defendo, o papel do arquiteto na sociedade. Nunca me demiti de ser arquiteto, mesmo quando exerci esses cargos. Penso que até fui mais arquiteto em alguns desses casos.

**Considera que temos vindo a salvaguardar ou a destruir o património arquitetónico?**

O conceito de património arquitetónico não está consolidado o suficiente para termos a noção do que é que deve ser preservado, mantido ou alterado. Penso que isso se deve a um enfoque que parte do património para a cidade em vez do contrário. Se partirmos do existente, e lhe dermos o adequado uso, estamos a valorizar património. Se partirmos do património, porque lhe reconhecemos um valor histórico, estamos a matar património. E temos morto muito património porque não soubemos dar-lhe capacidade de responder à cidade. Todos nós identificamos edifícios que foram destruídos ou destruídos por ausência de uma visão integradora do património, por não



Tribunal do Barreiro

conseguirmos, em tempo útil, retomar os usos dos edifícios, ou dar-lhes novos usos. Critica-se o exército porque utilizou muito património para fazer quartéis..., mas eu pergunto: se não tivesse sido encontrado um uso para aqueles edifícios, existiriam ainda? E em que estado?

**Se pudesse tomar uma decisão vinculativa para mudar alguma coisa nas questões que regem a arquitetura em Portugal, o que é que mudaria?**

A arquitetura está a viver momentos difíceis, por força da conjuntura, mas acho que isso se deve, ainda mais, ao facto de ser posta no mesmo patamar de concorrência, em termos de serviços, que o fornecimento de cadernos... Estabeleceu-se que o concurso para os projetos de arquitetura se faz no patamar do preço e do prazo e não da qualidade. Isso torna a arquitetura impossível. Estão a ser destruídas muitas possibilidades de se construir uma arquitetura capaz e estamos a desvalorizar a formação dos arquitetos e a transformá-los em prestadores de serviços nas piores condições. É muito importante, para a arquitetura e para o país, que esta situação seja transformada. A arquitetura não deve estar totalmente subordinada à ditadura da economia de mercado ou da própria administração, que impõe regras que não valorizam a produção de qualidade. Esse seria um dos assuntos que eu teria de alterar profundamente.

Entrar no silêncio de um museu, passear pelas salas e sentir as obras de arte expostas é, para muitos, do mais reconfortante que há. Veja quais as são mostras deste mês

GALERIA DIFERENÇA

## Irene Buarque: tábua

Até 30 de Junho

As pinturas apresentadas por Irene Buarque nesta exposição partiram de um desafio de Tiago Farinha para a realização de uma exposição conjunta. Na origem deste desafio está o diálogo estabelecido entre uma pintura sobre madeira da Irene de 2006 e a uma mesa do Tiago de 2010. Aceite o desafio, Irene encontrou nos cadernos de Tiago inúmeros projetos de mesas possíveis de serem reconstruídos no abstracionismo geométrico da sua pintura. Irene explora a pintura sobre madeira e esse é um dos múltiplos significados da palavra que dá nome à exposição: tábua. O outro significado latente na palavra tábua é a do ofício próprio da marcenaria. Tiago explora as possibilidades oferecidas pela tecnologia simples de malhete e respiga que são o mote para o desenho contemporâneo de peças em madeira maciça.



MUSEU COLEÇÃO BERARDO

## Nikias Skapinakis: presente e passado (2012-1950)

Até 25 de Junho

Esta exposição constitui a mais ampla e significativa antologia dedicada à obra de Nikias Skapinakis, reconhecido como um dos nomes mais relevantes da arte portuguesa na segunda metade do século XX. A exposição, comissariada por Raquel Henriques da Silva, organiza-se em sete núcleos reveladores da extraordinária amplitude e diversidade, bem como das inúmeras possibilidades formais e expressivas do trabalho de Nikias Skapinakis, desenvolvido durante mais de sessenta anos. A singular capacidade de síntese na abordagem da imagem e o permanente diálogo com a cultura ocidental, que as suas pinturas definem, torna claro o sentido e o valor do seu contributo.

## CINEMA

Se é fã de cinema, saiba que este mês roda um filme premiado em Cannes e uma nova adaptação do famoso livro “O Monte dos Vendavais” de Emily Brontë. Conheça as histórias

### O Monte dos Vendavais

## A nova adaptação do romance



Título original: Wuthering Heights  
De: Andrea Arnold  
Com: Kaya Scodelario, Nichola Burley  
Drama, M/12  
Inglaterra, 2011, 129 min

O romance de Emily Brontë já conheceu várias adaptações a outras formas de expressão artística, três óperas, um ballet, um musical. No cinema, também passou pelas mãos de alguns realizadores e atores. Este ano, chega ao grande ecrã através do olhar de Andrea Arnold.

Devido à riqueza do livro, partes da história acabam por se perder no filme. Ainda assim, as louvadas interpretações e o inteligente toque de Arnold acabam por resultar numa meritória adaptação. A história relata a forma como, numa visita a Liverpool, um agricultor abastado conhece Heathcliff, um rapaz sem-abrigo, e resolve levá-lo consigo para fazer parte da sua família. Nos campos do Yorkshire, o rapaz acaba por se aproximar de Cathy, a filha mais nova do agricultor. Com o passar dos anos, uma relação inocente entre duas crianças transforma-se num amor obsessivo que levará toda a família à perdição.

### Procuram Abrigo

## Um dos premiados em Cannes



Título original: Take Shelter  
De: Jeff Nichols  
Com: Michael Shannon, Jessica Chastain, Shea Whigham  
Drama, Thriller, M/12  
EUA, 2011, 120 min

Curtis é um homem grato pelo que a vida lhe reservou: casou com a mulher que ama, tem um emprego razoável e uma filha que, apesar da sua surdez, é uma criança alegre e cheia de vida. Tudo se altera quando, sem razão, começa a ter um pesadelo recorrente onde uma tempestade cataclísmica destrói tudo à sua volta. Obcecado com a segurança, decide construir, em segredo, um abrigo para a família. Porém, incapaz de controlar o pânico torna-se, a cada dia que passa, de mais difícil convivência, deixando todos à sua volta preocupados e ressentidos com o seu comportamento. Consciente da sua obsessão e da possibilidade de tudo ser resultado de graves alucinações da sua mente, Curtis luta contra a sua própria esquizofrenia.

Este filme ganhou o prémio 50th Critics' Week Grand Prix e Fipresci na edição de 2011 do Festival de Cannes.

## TEATRO

Se já não vai ao teatro há bastante tempo, não estará na hora de ir ver uma peça? Se até foi recentemente, lembre-se que nunca é demais ir ao teatro. Eis duas boas sugestões



## A Íntima Farsa

Em plena crise de meia-idade, agravada pela morte da mãe, João, um escritor bem sucedido mas permanentemente insatisfeito, começa a frequentar um psicanalista e a expor, aos poucos, tudo o que de frustração, delírios, compulsões e raivas foi acumulando ao longo da vida. Os seus sonhos e narrativas sobre as experiências conjugais que foi vivendo vão sendo representados em forma de um musical tragicómico. Entretanto, numa espécie de documentário televisivo, fala-se de um brutal assassinato que espantou a comunidade. JP Simões, cantor e criador musical inspirado e persistente, arrisca trilhar as vias do teatro musical e propõe-nos, com a auto-ironia que o caracteriza, uma revisão da história de um escritor em crise de meia-idade. Marco Franco, multi-instrumentista e improvisador nato, e Victor Hugo Pontes, encenador habituado ao cruzamento de formas, juntam-se em busca das formas cénicas de representação da música original que se faz em Portugal.

### São Luiz

De 27 a 30 de Junho  
Encenação: Victor Hugo Pontes  
Interpretação: Joana Manuel, JP Simões, Manuel Mesquita



## O Sonho da Razão

Uma colagem de Luis Miguel Cintra de textos de Diderot, Voltaire, Marquês de Sade e outros autores do século XVIII francês. Uma pequena reflexão sobre os valores ideológicos e morais da Cultura Ocidental através de um jogo cénico de três actores que dão vida a vários trechos de diálogos filosóficos e humorísticos da época. São questões tão graves como a Civilização face à Barbárie, a hipocrisia Social, o Casamento, a Igreja Católica, os privilégios de classe, o valor subversivo da libertinagem, etc. que são abordados em tom de brincadeira. É a vontade de mudança social pré-revolucionária que se esconde por trás destes textos. A revolução de 1789 virá trazê-los para a vida pública.

### Teatro Cornucópia/Bairro Alto

De 14 de Junho a 15 de Julho  
Encenação: Luis Miguel Cintra  
Interpretação: Dinarte Branco, Leonor Salgueiro e Luis Miguel Cintra

Junho é sinónimo de festivais de verão, mas este Junho é também sinónimo de Madonna e de homenagem à grande Cesária Evora. Siga as suas preferências e vá assistir a um bom concerto



### Sumol Summer Fest

Dias 28, 29 e 30 de Junho no Ericeira Camping

FESTIVAL

No seu 4º ano de realização, o Sumol Summer Fest mantém a fórmula de sucesso que garantiu duas últimas edições esgotadas. Numa versão ampliada, a organização garantiu a presença de Alpha Blondy, Gabriel o Pensador, Alif, Ponto de Equilíbrio, Barrington Levy, Zeder, Richie Campbell, Soja, Jamie Boy, Selah Sue, Beenie Man, BTR Sound, Mercado Negro, Bezegol Gui Boratto e Booka Shade.



### Super Bock Super Rock

Dias 5, 6 e 7 de Julho no Meco

FESTIVAL

Com mais um cartaz de luxo, o Super Bock Super Rock regressa a Sesimbra nos primeiros dias de Julho, com a mesma promessa das edições anteriores: boa música e um cenário de fundo idílico. Incubus, Friendly Fires, Skrillex, Pete Doherty, Lana Del Rey, The Shins, Bloc Party, The Rapture, Aloe Blacc, Hot Chip, Supernada e Capitão Fausto subirão ao palco principal desta 18ª edição do festival.



### Homenagem a Cesária Évora

Dia 15 no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Aquele que viria a ser o último concerto de Cesaria Evora em Portugal aconteceu em maio, no Coliseu dos Recreios. A emblemática sala é agora escolhida para palco do espetáculo em sua homenagem. Como pano de fundo, os seus músicos, que a ajudaram a levar a sua "Sodade" de Cabo Verde para o mundo. Os intérpretes são os amigos Bonga, Lura, Maria Alice, Nancy Vieira, Teófilo Chantre, Tito Paris e Ferro Gaita.



### Madonna

Dia 24 no Estádio Cidade de Coimbra

CONCERTO

A digressão de apresentação do novo álbum da diva da música pop passa por Portugal. O trabalho chama-se "MDNA" e o primeiro single, de seu nome "Give Me All Your Luvin", já começa a posicionar-se em primeiro lugar nos Tops internacionais. Este será certamente um dos concertos mais aguardados do ano em Portugal. Não perca esta oportunidade!



## Concertos em junho

por António Cabral

Este ano a austeridade trouxe-nos um mês de Junho quase sem música dita clássica. Esperemos que os Festivais de Verão, habituais nesta altura, melhorem o panorama musical.

### FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

[www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt)

A temporada terminou em Maio não havendo concertos em Junho.

### CENTRO CULTURAL DE BELÉM

[www.ccb.pt](http://www.ccb.pt)

Ciclo de filmes celebrando os 100 anos do compositor italiano Nino Rota que para além de música de câmara, música sinfónica e ópera ficou conhecido pela música de muitos dos filmes que amamos e o CCB vai exhibir na Sala Eduardo Prado Coelho (Auditório 2):

29/6 às 21 horas: **La Dolce Vita** (1960)  
de Federico Fellini

30/6 às 21 horas: **Romeu e Julieta** (1968)  
de Franco Zeffirelli

1/7 às 21 horas: **Morte no Nilo** (1978)  
de John Guillermin

4/7 às 21 horas: **O Leopardo** (1963)  
de Luchino Visconti

5/7 às 21 horas: **Roma** (1972)  
de Federico Fellini

6/7 às 21 horas: **Ensaio De Orquestra** (1978)  
de Frederico Fellini

7/7 às 21 horas: **O Padrinho** (1972)  
de Francis Ford Coppola



NINO ROTA

### TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

[www.saocarlos.pt](http://www.saocarlos.pt)

4, 11 e 18 às 18 horas no Foyer (Entrada do Teatro (Entrada Livre)

Ciclo de concertos sobre a ópera em Portugal antes da construção do Teatro de São Carlos.

Programa organizado por João Paulo Santos com intérpretes a anunciar.

Sub-temas dos 3 concertos: I – Até ao Terramoto; II – No Reinado de D.José; III – No Reinado de D. Maria I.

## PORTO

Durante este mês, o Porto viverá um ambiente de festa, com entradas gratuitas em quase todos os acontecimentos, o que é importante! Maria João Duarte apresenta as atividades previstas

**7 a 10:** Festival “Optimus Primavera Sound” no Parque da Cidade

**8, 9 e 10:** “9.ª Feira do Mundo Rural” na Quinta de Bonjóia (Campanhã)

**9:** “Quarteirão Miguel Bombarda”

**10:** “Festival Primavera Sound” na Casa da Música e Hard Club.

**12:** “Quarteto Ruggeri” na Casa da Música

**12 a 23:** festival ESMAE na Av. Aliados e ruas adjacentes

**13 a 17:** “Porto 7 – Festival Internacional de Curtas-Metragens” no Passos Manuel e Hard Club

**13 a 29:** “3ª edição da Cascata de São João” no Jardim da Casa Museu Guerra Junqueiro

**16:** “São João, cantares e danças do Porto” pelo Rancho Folclórico do Porto no Museu Romântico da Qt da Macieirinha. Mercado da Rua das Flores, evento do “Manobras no Porto”. “Composições Instantâneas” na Casa da Música.

**Até 16:** 4ª Edição do Torneio de “A Magia do Futebol de Rua” na Pç D. Joao I

**17:** Corrida de São João do Porto.

**20:** “Viagens com alma”, intervenções artísticas que cruzam o património, o turismo e as artes performativas, precedidas pela estreia de curtas-metragens de Pedro Maia e Michele Putorti no Mosteiro S. Bento Vitória.

**22:** “Circuito São Joanino”, percurso que mostra as representações de S. João Batista nas obras de arte, edifícios religiosos e espaços públicos: Casa do Infante (partida às 14h30)

**23:** “Ranchos em Arruada” partirão de vários locais rumo aos Aliados, cantando e dançando à desgarrada, formando pequenos bailaricos onde o público é convidado (15h). Orquestra Sinfónica do Porto “Concerto de São João” na Casa da Música. Baile na Av dos Aliados com 2 palcos: um com Arraial animado por Fernando Alvim e o outro com rock

e música eletrónica e DJ Zé Pedro dos Xutos (22h30). Há também o Baile das Fontainhas. Fogo de artifício sobre o Douro (24h).

**24:** “Concerto de S. João” pela Banda Sinfónica Portuguesa nos Jardins do Palácio de Cristal (16h) e “XXIX Regata de Barcos Rabelos” desde o Cabedelo até à Ponte D. Luís I (17h)

**24:** “PortoCartoon - Festa da Caricatura” (15h às 19h) na Pç da Liberdade.

**30:** “12º Oporto Dance Sport Festival”, danças de salão, no Pavilhão Rosa Mota. “Douro Afternoon”, festa concebida a pensar na Música de Dança, no Pontal da Cantareira. “Rusgas de São João” nos Aliados e zona envolvente terminando na Pç. da General Humberto Delgado. Cada Rusga é constituída por uma Tocata e várias pessoas, de todas as faixas etárias trajadas de acordo com a época, que irão apresentar-se perante os jurados. Este ano as Rusgas terão a visita do “Manobras no Porto, Siga a Rusga”, um projeto desenvolvido por 4 Companhias de teatro sediadas no espaço Fábrica (PELE, Teatro Frio, Erva Daninha, Radar 360º). Há também “Milonga do Mercado”.

### E ainda...

“Orquestra de iPhones”: em cada visita (10h) é formada, com os participantes, uma orquestra que explorará as potencialidades musicais do iPhone. **SERRALVES:** “Conferência Rio+20” e “Festa do Ambiente” (5, 9 às 12h30). 3 Exposições: “Artur Barrio ... navegações/ divagações ... por entre escolhos e baixios ...” (até 1jul); “Mathieu Kleyebe Abonnenc - To whom who keeps a record” e “Ricardo Valentim - Crescimento e Cultura” (até 8jul). **TNSJ:** “O Doente imaginário” de Molière (7jun a 1jul)

## LÁFORA

Se tem uns dias para descansar e oportunidade de ir até Madrid ou Londres, saiba que exposições pode ver na Tate, Thyssen e Museu Rainha Sofia



Tate Britain, Londres

### Migrações

Até 12 de Agosto

Esta exposição explora a arte britânica através do tema da migração, de 1500 até aos dias atuais. Desde pintores que foram para a Inglaterra em busca de novos clientes, passando pelos momentos de agitação política e religiosa, até à atual posição da Grã-Bretanha na paisagem global, a mostra revela como a arte britânica tem visto os diversos tipos de migrações, não só o movimento de artistas, mas também a circulação de linguagens visuais e ideias. A mostra inclui obras de Lely, Kneller, Kauffman para Sargent, Epstein, Mondrian, Bomberg, Bowling, bem como trabalhos recentes de artistas contemporâneos.

Thyssen-Bornemisza, Madrid

### Edward Hopper

De 12 de Junho a 16 de Setembro

Com prémios de grandes museus e instituições como o MoMA e o Metropolitan Museum de Nova York, o Museu de Belas Artes de Boston, a Galeria de Arte Americana de Addison, em Andover, e da Academia de Belas Artes da Pensilvânia, na Filadélfia, assim como de alguns colecionadores privados, esta exposição reúne a seleção mais ambiciosa e abrangente dos trabalhos de Edward Hopper alguma vez apresentada na Europa.



Rainha Sofia, Madrid

### James Coleman

Até 27 de Agosto

Esta é a primeira grande retrospectiva da obra de James Coleman (Irlanda, 1941) em Espanha. A mostra reúne as principais obras do artista, desde sua estada em Milão, nos anos 70, até ao momento presente. Através do uso do audiovisual, Coleman tem transformado a relação do tempo entre imagens e sujeito nas artes visuais contemporâneas.



Na praia ou no campo, em casa ou numa esplanada... Quase todos os sítios são apropriados para ler um livro. Haverá melhor forma de descontraír? Por Cátia Teixeira



Paul Auster

## *A Trilogia de Nova Iorque*

**S**erá talvez a obra mais conhecida da carreira de Paul Auster. O ritmo é frenético, obrigando o leitor a agarrar-se ao livro até à última página. E com pormenores que estão sempre a surpreender. São três histórias num só livro, todas elas bem diferentes: primeiro a “Cidade de Vidro”, que é nada menos que um conto policial, com muito mistério; depois “Fantasmas”, um pequeno drama que tem a curiosidade de todas as personagens terem nome de cores; para finalizar, “O Quarto Fechado à Chave”, o mais bonito de todos os contos, uma história comovente do reencontro de dois amigos de infância. Ao longo do livro, conhecemos protagonistas que vivem vidas fantásticas, algumas delas quase inacreditáveis; mas, estranhamente, acabamos por nos identificar com elas, criando-se até alguma simpatia pelas suas ideias ou por algumas das suas atitudes.



**A Trilogia de Nova Iorque**

Paul Auster  
Edições ASA, 1999



Mia Couto

## *A Confissão da Leoa*

**B**aseado numa histórica verídica, a dos ataques de leões a seres humanos numa remota região de Moçambique, o mais recente romance de Mia Couto é mais uma história tocante. Os animais confundem-se com os homens, os espíritos conversam, e a trama desenvolve-se em torno de uma aldeia, à qual é chamado um caçador da capital. O objetivo, está claro, é caçar os leões que andam a assustar a população. Mas o que ele vai encontrar é uma realidade bastante diferente: uma mistura de misticismo, crença religiosa, hábitos e costumes africanos; tudo isto em personagens muito ricas, que nos ajudam a entrar na magia da história. Mia Couto tem o condão de nos conduzir para um mundo de fantasia, tantas vezes sonhado; diz que continua a escrever por prazer e, neste livro, volta a surpreender os seus leitores, com uma obra completamente diferente de todas as anteriores.



**A Confissão da Leoa**

Mia Couto  
Caminho, 2012

Desde o início que a Artes&Letras oferece este espaço aos colaboradores para partilharem as suas preferências. A todos os que têm contribuído com crónicas, o nosso obrigado

## Um compositor da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



### Leo Janacek (1854-1928)

**N**a minha vida de melómano o Janacek compositor de ópera apareceu bastante tarde, há pouco mais de quinze anos talvez. Comecei com o Janacek sinfónico da “Sinfonietta”, do “Concertino para piano e orquestra”, da Suite “Taras Boulba” e da “Missa Glagolítica” a que se seguiu o Janacek compositor de música de câmara: dos dois belos quartetos, da sonata para violino e piano e da música de piano.

Quando ouvi/vi o Janacek compositor de ópera, pela primeira vez, deu-me logo a sofreguidão de conhecer tudo o que compôs, por considerar que estava perante um dos muito grandes compositores do teatro lírico. Opinião que ainda hoje mantenho.

E no Covent Garden de Londres assisti à “Katia Kabanova” (1997) (e mais tarde em versão de concerto, na Gulbenkian, em 2011); no São Carlos foi a “Jenufa” (2000), a “Raposinha Matreira” (2001) e novamente a “Katia Kabanova” (2011); no Teatro Real de Madrid a “Osud” (O Destino) (2003); e no CCB o “Caso Makropoulos” (2004).

O vídeo permitiu-me rever e guardar todas elas (com excepção de “Osud”) e conhecer “A Casa dos Mortos” que é a sua última ópera (assisti, posteriormente, na Gulbenkian, em 2011, a uma versão de concerto). Ela levou-me à leitura da “Recordação da Casa dos Mortos” de Dostoiévsky de que a ópera é uma adaptação. São duas obras primas - da ópera e da literatura.

O disco e a internet deram-me o acesso a todas estas óperas e a outras - “Sarka” e “As Excursões de Mr. Broucek” - realizações menos conseguidas da sua produção operística. Para os colecionadores de CD’s não posso deixar de aconselhar as gravações do maestro australiano Sir. Charles Mackerras (infelizmente já falecido), que gravou a quase totalidade das óperas de Janacek. Em algumas delas com a grande cantora Elizabeth Soderstrom.

Hoje Janacek faz parte dos programas dos grandes teatros de ópera. Tem a admiração do público global.

O escritor seu contemporâneo Milan Kundera (grande admirador de Janacek), escreveu a propósito das suas óperas: “Janacek conseguiu comunicar o que só em ópera pode ser comunicado: a insustentável nostalgia das conversas insignificantes que não podem ser expressas de outra maneira senão em ópera – a música torna-se na quarta dimensão da situação teatral, a qual, sem esse suporte, tornar-se-ia anódina, sem poder de comunicação, muda”.

Janacek, como todos os grandes compositores de ópera, enfatizou geralmente com a música o poder da palavra. Ela (a música) é, de facto (com Janacek), a quarta dimensão oferecida ao teatro.



## Um livro da minha vida

MIGUEL VILLAR



Apsley Cherry-Garrard

## The Worst Journey in the World

**A**psley Cherry-Garrard tinha apenas 24 anos quando, em 1910, embarcou com Robert Scott rumo à Antártida e à conquista do Pólo Sul. Nada o qualificava para tal: era míope, nunca tinha estado nos Pólos, não sabia esquiar nem conduzir um trenó; não era da Marinha, nem um homem de Ciências. Mas dispunha-se a trabalhar incansavelmente, possuía uma curiosidade insaciável e era um observador atento. Essas qualidades transparecem de forma humilde e cativante nas memórias que escreveu durante os 3 anos que passou nos antípodas, publicadas em 1922 sob o título “The Worst Journey in the World”.

O episódio que dá o título ao livro é uma viagem de 97 km realizada em pleno Inverno antártico, desde o Cabo Evans ao Cabo Crozier. Ficou conhecida como a Viagem de Inverno e tinha como objectivo a recolha de um ovo com o embrião de um pinguim imperador, cujo estudo permitiria lançar alguma luz sobre o modo como as aves teriam evoluído dos répteis.

Acompanhado de Bowers e Wilson, Cherry-Garrard faz uma crónica do Inferno sobre a Terra e como, sem uma queixa ou crítica, 3 homens arrastando um trenó carregado enfrentaram durante cinco semanas e na mais total escuridão, temperaturas de -45° C e ventos que sopravam acima dos 250 km/h, trazendo de volta 3 ovos de pinguim.

No final do livro, ele não deixa de questionar a necessidade de “tudo isto”, o que distingue o heroísmo da pura estupidez, e a razão de tanto sacrifício. Essas mesmas dúvidas temos nós todos quando, por estes dias, Portugal, as suas empresas e as suas gentes fazem a sua “Viagem de Inverno”; quando, mês após mês, uma pequena equipa se predispõe a publicar este “Artes e Letras”, com sacrifício, paixão e alegria. Não tenho respostas. Regresso sempre às palavras de Cherry-Garrard, que me propus traduzir:

“E digo-te, se tens esse desejo de conhecer e a força para o expressar fisicamente, parte à exploração. Se fores corajoso, nada farás; se tiveres receio, poderás conseguir muito, pois só os cobardes sentem a necessidade de provar a sua bravura. Haverá quem te chame louco, e quase todos dirão “Para quê?” Pois somos uma nação de lojistas, e nenhum lojista procurará o que quer que seja que não lhe traga retorno financeiro em menos de um ano. E assim te encontrarás quase sozinho a conduzir o teu trenó, mas aqueles que o conduzirem contigo não serão lojistas: e isso tem um valor imenso. Se fizeres as tuas Viagens de Inverno, serás recompensado, desde que tudo o que tu queiras seja um ovo de pinguim”.



# B Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA



ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS  
COM O ARQ. JORGE SILVA  
CENTRO CULTURAL DE CASCAIS